

CARTAS DE LISBOA (VIII)

AO ANTÓNIO NOVAIS CADECO

— LEMBRANDO O ARQ.º DELFIM AMORIM

Meu caro António:

Quando, no passado mês de Outubro, estive três dias de visita à nossa querida Póvoa, entregue ao hospitaleiro acolhimento da tua nunca desmentida amizade, confiaste-me, para eu ler em Lisboa, um livro editado pelo Instituto de Arquitectos do Brasil em Dezembro de 1981, em homenagem a Delfim Fernandes de Amorim, arquitecto poveiro nascido na freguesia de Amo-

Por TORRES PEREIRA

rim em 2 de Abril de 1917. Sugeriste-me, ao mesmo tempo, a ideia de eu escrever algo acerca desse nosso conterrâneo que, pela força das circunstâncias, se naturalizara brasileiro em 14 de Março de 1956. É que, tendo chegado ao Brasil em 21 de Dezembro de 1951 e fixando-se no Recife, onde residiam familiares e amigos seus, logo ali se manifestou o seu talento criador e começou a trabalhar intensamente, assumindo, alguns anos decorridos, a regência da cadeira de Composição na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Recife, onde se revelou um Professor competentíssimo e era muito estimado pelos colegas e pelos alunos (e daí, a edição do aludido livro).

Conheci o Delfim Fernandes Amorim, que era um excelente moço, oito anos mais novo do que eu, mas o meu contacto com ele foi breve, porque me ausentei da Póvoa e só há pouco tempo retomei o contacto com a nossa terra.

Assim, parece que não seria eu a pessoa indicada para esse objectivo, dado que quase nada sabia acerca dele, e só a tua amizade reconheceu em mim qualidades que não possuo para o efeito. Mas aceitei o encargo, e aqui me tens a desempenhá-lo da melhor maneira que me é possível, com a ajuda que me proporcionaste.

O livro foi a luz brilhante que se me depa-rou na escura vereda por onde eu aceitara caminhar, porque, escrito com honestidade e inteligência, é rico de pormenores acerca da obra que impôs o Delfim Amorim à admiração e estima dos colegas, dos alunos, dos clientes e das pessoas que com ele privavam ou simplesmente tinham relações de cortesia.

Creio que a tua ideia, ao facultar-me o livro para a sua leitura, seria exactamente aproveitar o assunto à consideração da nossa ilustre Edilidade, para a mesma, reconhecido o valor alcançado além-fronteiras por esse nosso conterrâneo, lhe perpetuar o nome numa avenida, rua, praça ou largo da cidade. Desactualizado como estou da toponímia local, ignoro, até, se essa homenagem já lhe foi devidamente prestada e, caso afir-

mativo, o teu objectivo seria exclusivamente dar a conhecer à Juventude Poveira a obra desse nosso conterrâneo, para se orgulhar dele e seguir-lhe o exemplo no estudo e no trabalho e, ao mesmo tempo, certificar-se de que os nossos emigrantes, ao alçapremarem-se a postos de relevo e à admiração dos estrangeiros em cujo seio social estão inseridos, não pensam só em si, mas também em prestigiar o nome da terra em que nasceram. E isso merece destaque.

É que, entre outros valores das Ciências, Letras e Artes, bem como da Técnica (e modernamente, até, do Desporto), no que respeita à Arquitectura, cuja história, aliás como a da Engenharia, está incompletamente feita, daquela, e por fazer, desta, como reconheceu o engenheiro Franklím Guerra

Veneza; os italianos, de Vitruvius, do I século a.C., que, além de ter projectado os melhores edifícios de Roma do começo do Império, como a Basílica de Fano, se immortalizou com o tratado «De Architectura», composto depois do ano 27 e dedicado a Augusto, sendo, no seu género, exemplar único da Antiguidade como fonte de informação sobre as construções, sobretudo da época alexandrina — obra básica dos grandes arquitectos do Renascimento italiano, igualmente, do florentino Alberti, autor da fachada da igreja de Santa Maria Nova e do palácio Rucellai, em meados do século XV, e ainda de Miguel Ângelo Buonarroti, também grande pintor e escultor, que viveu entre o fim do século XV e a primeira metade do XVI, autor da famosa cúpula de S. Pedro, de Roma, e do túmulo do papa Júlio II; os Suíços, de Le Corbusier (de seu nome verdadeiro Charles Edouard Meanneret-Gris), nascido em 1887 e falecido em 1965, que teve a visão genial da Arquitectura do século



O arq.º Delfim Amorim

numa comunicação à Academia das Ciências de Lisboa em 1985, orgulham-se, os Egípcios, da figura deificada do seu Imhotep, que projectou e dirigiu a construção da grande Pirâmide de Quéope, da planície de Giseh, cerca de 2.500 anos a.C.; os gregos também registam com admiração os nomes dos arquitectos Calícrates e Ictino, que projectaram o Pártenon, a maravilha da Acrópole de Atenas, cerca de 490 a.C., e de Artémio de Tralles, oxiginário da Mónia, que viveu no século VI e foi escolhido pelo imperador Justiniano para a construção, em Constantinopla, da Basílica de Santa Sofia, obra-prima do estilo bizantino, e da igreja dos Santos Apóstolos, destruída em 1453 pelos turcos, mas conhecida através das descrições da época e pela réplica da catedral de

XX (estabelecida na quase generalidade, mas de cujos cânones estéticos me atrevo a discordar pessoalmente, velho «bota-de-elástico» que sou em certos aspectos), libertando-a de todos os compromissos estilísticos, ligando-a apenas a formas geométricas básicas (raiz cubista e purista e a elementos funcionais, submetendo-a a uma uniformização puramente funcional e criando um novo tipo de especialização das vias de tráfego, pelo que foi o Arquitecto do século; os franceses orgulham-se de Violet-le-Duc, nascido em 1814 e falecido em 1870, que se notabilizou mais em obras de Arqueologia; os brasileiros embandeiraram em arco com o nome de Óscar Niemeyer, em grande parte inspirado nas ideias de Le Cor-

CARTAS DE LISBOA

(Continuado da página 3)

busier e que assinalou em Brasília o seu talento, e registam também na História da Arquitectura da sua prática o nome do nosso conterrâneo Delfim Fernandes Amorim; nós, portugueses, tivemos (e, graças a Deus, ainda hoje temos) arquitectos de valor, como Afonso Domingues, Martim Vasques, os irmãos Arruda, Marques da Silva, que, entre muitos trabalhos que executou no país, se destacou também nas Exposições Internacionais de Paris, em 1900, e do Rio de Janeiro, em 1908, no Porto, onde foi Director da Escola de Belas-Artes desde 1913 e se notabilizou pelos projectos da Estação dos Caminhos-de-Ferro de S. Bento; do Teatro de S. João e do Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular, contribuindo substancialmente para a modernização da cidade em que nasceu em 1869 e onde faleceu em 1947, e Raul Lino, que foi um estrênuo defensor da pureza de linhas da antiga casa portuguesa e do bom gosto, e nestas últimas décadas podemos registar o poveiro Delfim Fernandes Amorim, embora o grande volume da obra que o impõe se situe no Brasil.

A Arquitectura, na sua fase incipiente, não tendo os requintes que o decorrer dos milénios e dos séculos conferiu, já era, mesmo no tempo das habitações lacustres sustentadas pelas palafitas, uma arte soberana que tinha de atender a várias exigências.

À medida que a vida gregária se intensificou e, com o reflexo da interdependência das greis que povoavam esses pequenos burgos, começaram a surgir as especializações de ofícios e se multiplicaram, com esse advento, as exigências ou necessidades das novas sociedades que iam surgindo, também começaram a aparecer nas construções destinadas à habitação ou nos templos que os povos devotavam aos deuses ou nos monumentos que exigiram aos seus heróis, mais requintes na solidez, na funcionalidade e na estética, principalmente.

Desde a segunda metade deste século, aproximadamente, o arquitecto limita-se a fazer o projecto estético-funcional da obra, ficando os cálculos e a construção a cargo do engenheiro, que fiscaliza a sua conclusão dentro das boas normas. Mas durante a Idade Média, o arquitecto acumulava as funções de planeador com as de construtor e daí adveio o termo «Arquitecto» — do grego «Archos», chefe, e «tekton», construtor. Isso ocasionava problemas difíceis de resolver, principalmente nos grandes edifícios, como catedrais e palácios. Na transição do românico para o gótico, essa dificuldade foi particularmente notória, porque os nossos técnicos, sem conhecimentos físicos e matemáticos, tiveram que resolver problemas que só no século XVII foram resolvidos pelo matemático francês Varignon (decomposição dum vector em duas direcções — paralelograma de forças) e que até então resolviam por intuição e experiência, embora soubessem que os arcos, além dos esforços verticais, desenvolvem esforços horizontais tanto mais pronunciados quanto mais abatido for

o arco, mas ignoravam quanto valiam esses esforços. O percurso da Arquitectura entre nós foi lento e laborioso, mas as obras realizadas não nos envergonham.

Mas falemos, então, à nossa ilustre Edilidade e à nossa esperançosa Juventude acerca do conterrâneo emigrante que já se destacara no solo pátrio e se notabilizou em terras de Santa Cruz.

Entre as moradias de cujo projecto foi autor, contam-se, na Póvoa, as dos Drs. Américo Graça e Alberto Moreira, de Josué Silva, de Manuel Santos, de Dimas Maio, em Aver-o-Mar, Garagem Santos e Loja do Sol; em Vila do Conde, a residência Amadeu; no Porto, moradias gémeas; em Guimarães, a residência de António Rocha; em Amares, os Paços do Concelho. No Brasil, a sua obra foi vastíssima, contando-se nela 2 Bancos, 3 conjuntos residenciais, 19 edifícios comerciais, 9 edifícios mistos (residências-escritórios), 3 edifícios religiosos, 8 de educação e ensino (entre Faculdades, Cidades Universitárias, colégios, etc.), 13 escritórios, 17 habitações multifamiliares e 66 unifamiliares, 4 hospitais e clínicas, 4 indústrias, 9 de lazer e desporto e 2 planejamentos, tendo 12 arquitectos a colaborar consigo.

Foram muitos os pareceres que lhe foram solicitados pelas mais altas entidades do Brasil em atenção à sua vasta cultura profissional e honestidade de critério que sempre revelou, nenhum dos quais me é permitido transcrever, devido à sua extensão e ao reduzido espaço de que o jornal dispõe e de que, bem contra vontade, algumas vezes tenho abusado e quiçá estarei a fazê-lo hoje.

Na mensagem que ele dirigiu aos seus alunos finalistas do curso de Arquitectura de 1953 da Universidade Federal de Pernambuco, palpita exuberantemente a sua alma nobre, brilha o seu espírito esclarecido, sente-se a sua devoção pelo ensino e patenteia-se substancialmente a sua generosidade ao serviço duma profissão. Nas suas palavras aos jovens alunos que se iam lançar na luta pela vida, mas, mais do que isso, empreendendo um trabalho pleno de beleza, transparecem os seus elevados conceitos estéticos. E diz-lhes que esta última aula, dele, professor, dava apara eles, alunos, início a outra aula ou lição mais complicada no mundo em que iam entrar, cheio de competências.

Os projectos habitacionais e urbanísticos que ele fez surgem-nos numa explosão de luz e de cor, de harmonia e equilíbrio, e parece que deles se desprende uma sinfonia alegre donde emana um saboroso gosto pela vida, e entoamos hossanas ao Criador que inspirou este mago das linhas harmónicas.

Faleceu no Recife, Brasil, em 10 de Abril de 1972; quero crer que teria morrido a pensar nos campos verdejantes e floridos da sua linda freguesia de Amorim.

Paz à sua alma.

E, se ainda não lhe foi prestada a homenagem a que tem direito pelo muito que impôs o seu valor no seio dos nossos prestigiados emigrantes no Brasil, que a nossa

ilustre Edilidade repare essa falta, como dívida de gratidão e estímulo à nossa Juventude.

Meu caro António:

O teu desejo está cumprido pela minha parte. E acredito sinceramente que, se a nossa terra ainda não cumpriu a dívida a que me referi, a nossa ilustre Edilidade procurará cumpri-la na primeira oportunidade.

Um abraço, e manda sempre o teu amigo,
Zé

Lisboa, 1/2/88

TORRES PEREIRA

Associação de Solidariedade Social de Empregados da Concessionária do Casino da Póvoa de Varzim

CONVOCATÓRIA

Ex. mos Senhores:

Nos termos da alínea a) do Art.º 42 dos Estatutos da Associação, convoco a Assembleia Geral Ordinária para as 13,30 horas do dia 12/03/88 para apreciação das Contas do exercício de 1987, nas instalações do Pessoal da Sala de Jogo do Casino.

Se meia hora mais tarde não tiver comparecido a maioria absoluta dos Associados, a Assembleia funcionará com o número que estiver presente.

Após a apreciação e discussão do primeiro ponto, haverá meia hora para tratar de outros problemas que se prendam com a vida da Associação.

Póvoa de Varzim, 29 de Fevereiro de 1988

P'lo Presidente da Mesa da Associação,
Eduardo Martins

Irmandade da Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim

CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 1 do artigo 30.º do Compromisso, convoco todos os Irmãos de maior idade, no gozo dos seus direitos, a tomarem parte na Assembleia Geral Ordinária, a realizar no dia 19 de Março de 1988, pelas 14 horas, no Salão Nobre desta Instituição, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Apreciação, discussão e votação do relatório e contas e parecer do Definitório do exercício de 1987.

2 — Meia hora para tratar de qualquer assunto de interesse da Santa Casa da Misericórdia.

Sé à hora designada não se encontrar presente a maioria dos Irmãos inscritos a Assembleia Geral, nos termos do n.º 2 do art.º 28.º do compromisso, funcionará uma hora depois.

Póvoa de Varzim, 29 de Fevereiro de 1988

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
a) Manuel Alves de Aguiar Quintas, Dr.